

24-03-2025

## A Descoberta do Soluço Novo ou Pedacinhos de Mim Agarrados na Lama do Manguê

**Josué Euclides Hetinguer**

(Empreendedor – Economista Doméstico)

O trabalho das marisqueiras é planejado, principalmente, em função das marés. Utilizam instrumentos como facões, cestos, botas de borracha, luvas, mas sua principal ferramenta é o canto e as mãos. Pegar aratus - Dona Maria Cleide não me falou isso, mas seu silêncio me ensinou - é a principal aventura humana, ali, naquela hora. E eu tive o privilégio de assistir à cena... o sorriso da conquista, o objetivo alcançado, a manutenção dos que estão sob sua guarda... Por volta de 4 e meia da manhã, seu Terto bateu na porta do quartinho onde eu dormia em sua pequena casa. *Já está na hora de sair.* Com as botas emprestadas de algum do povo dos mariscos, tomei uma xícara de café e segui Maria Cleide pelo caminho do manguê. Não há silêncio quando a paisagem é sonora, os raios de luz disputando com amorosa afinidade as brechas entre as árvores, pássaros bocejando com alguma estridência, as águas indo e vindo. Vez ou outra, Maria Cleide falava comigo. *Essa flor é o cachimbo. Ela cai em pé e já nasce manguê.* Naquela hora eu conseguia me ver atravessando a fronteira de mim mesmo. Sei que isso só serve pra mim, ainda mais num manguê da Bahia ao amanhecer o dia, mas todo mundo deve tentar atravessar a fronteira de si mesmo, para quem sabe, se encontrar. *Vem aratu. Vem aratu!!* É duro pra chegar a um quilo de marisco. Aprendi naquelas poucas horas que essas mulheres dominam a cadeia produtiva, do planejamento antecipado do produto final, início do processo, captura da matéria prima, transporte, beneficiamento (cozimento, preparo etc.), embalagem e expedição até chegar à comercialização. Algo que fui aprender depois, já na faculdade, na pré-revolução industrial: o domínio do processo de produção, do início ao fim, pelo trabalhador. Hoje, encontramos essa forma de produção, especialmente nos sítios simbólicos de pertencimento com economias locais desenvolvidas, em diversas áreas, todas elas sempre ligadas à cultura dos territórios (pesca, agricultura, artesanato, culinária etc.). E, claro, dependentes da ancestralidade que garante a transmissão perpétua da cultura.

Na volta, Maria Cleide foi falando que as marisqueiras acham que não têm patrão mas sabem que têm um patrão disfarçado de muitas caras: o atravessador que compra os mariscos pra vender no mercado, o transportador, os próprios mercadores, o poder público, a prefeitura. Ficou muito claro pra mim que a relação capital-trabalho é uma relação hipocrisia-dignidade e que essa justifica tudo aquilo que as pessoas fazem pra sobreviver. *Quando você voltar aqui vamos pegar a canoa pra você ver a coisa toda lá do outro lado da baía.*

Essa sentença de Maria Cleide me causou uma sensação que eu não conhecia em mim. Pudera, eu havia ultrapassado a fronteira de mim. Foram poucas as vezes que senti isso desde então. Vejam se conseguem entender: você tem vontade de chorar e não chora, mas o choro não chorado é tão intenso que lá de dentro vem um soluço ... e você soluça chorando sem derramar qualquer lágrima. ... entenderam? Eu até tinha sentido um prenúncio desse negócio na despedida de Maria Célia em Jurubatiba, mas agora virou coisa séria... ..

Quando cheguei do manguê com Maria Cleide, o chuveiro na entrada da casa daquelas pessoas, capazes de serem chamadas de gente, me preparou para a próxima jornada. A bota enlameada no chuveiro ia se limpando de pedacinhos de mim ali agarrados no meio da lama do manguê. Eu olhava para aquele desgarramento sem entender bem o que significava tudo aquilo. Pouco mais de dez dias e eu já era outro. Sempre achei que ia levar anos para chegar a algum lugar. E descobri que levei dez dias para chegar ainda a lugar nenhum que me ensina aonde chegarei. Maria Cleide perguntou se eu queria uma toalha. Eu estava tão loucamente perdido e achado de mim mesmo que achei que toalha era o nome de algum marisco que eu ainda não conhecia, além de aratu, sururu, lambreta, siri catado, chumbinho, mexilhão, vieira... Tanto nome... até me tocar o que era toalha eu já estava seco com aquele calor humano. O que era aquilo senão um sítio simbólico de pertencimento profundamente comprometido com a cultura da Bahia? Ali estava sua ancestralidade, sua música, seu trabalho, a cor do mocambo, os quindins de Iaiá. ....

Saí da Maré de soluço novo. Nessas circunstâncias, o abraço final é sempre um salto para o não se sabe se terá outro. Como sempre, quando peguei o barco de volta não consegui olhar pra trás.

.....

Em São Tomé do Paripe busquei um lugar bem rústico pra comer, que eu pudesse ficar descalço, sem camisa e refletir sobre aquilo tudo. Naquele momento eu apenas sabia que ia direto pra Sergipe. Eu já era capaz de recusar parar na Costa do Sauípe, onde estavam os resorts e redutos da elite baiana e mineira, tudo o que eu não queria mais ver como companhia de bate-papo, onde sempre aparece a questão da miséria humana. Minha recusa, compreendi naquela hora, era ideológica. Compreendi que meus inimigos estavam no poder. Cazuza, 21 anos antes da minha viagem (eu era um menino), já cantava no meu ouvido naquela hora, naquele recanto baiano, que eu acabava de achar a ideologia que eu queria pra viver. Posso até dizer que ali criei o meu próprio sítio de pertencimento. Que me perdoe o Hassan Zaoual, mas ali estava o sítio ideológico de pertencimento de Euclides, o Kid - Eu. Delírio, ou não, meu Celtinha ria de mim... Tanto arrebatamento de mim mesmo, quando, no final da tarde, Isaías, o garçom que me acompanhou no meu périplo anunciou que (infelizmente), o local estava imediatamente condenado a fechar. ■■■